



# UM PENSAMENTO SEM DOGMAS

Reunidos pela primeira vez, os ensaios da primeira-dama Ruth Cardoso mostram como ela destilou, em cinco décadas de trabalho intelectual, ideias inovadoras sobre estado e sociedade — e transformou-as em ação à frente do Comunidade Solidária

CARLOS GRAIEB

Nos oito anos em que Fernando Henrique Cardoso governou o Brasil, sua mulher, Ruth Cardoso (1930-2008), também demonstrou ter espírito de liderança. Em maio de 2004, rememorando sua passagem pelo Planalto, ela afirmou em entrevista a VEJA: “O que eu sei fazer melhor é fazer as coisas acontecerem”. À frente do programa Comunidade So-

lidária, Ruth coordenou iniciativas de diversos ministérios, estimulou o trabalho voluntário e fez parcerias com o setor privado. Indicou um novo rumo para as políticas assistenciais no país, afastando-as daquela praga tão brasileira quanto a saúde, o clientelismo. Não se pode, no entanto, dissociar a mulher que sabia “fazer as coisas acontecerem” da intelectual que dedicou a maior parte de seus anos à vida acadêmica. A relação entre essas duas facetas de Ruth

FERNANDO HENRIQUE E RUTH:

“Até mesmo para mim o livro tem algo de surpreendente”, diz ele.

“Eu, que li tudo de maneira esparsa, à medida que foi produzido, me dei conta agora de como ela foi coerente”

Cardoso se evidencia com o lançamento, nesta semana, de sua *Obra Reunida* (Mameluco; 568 páginas; 78 reais). São 43 textos que revelam como suas ideias sobre estado e sociedade se construíram ao longo dos anos — numa cabeça que não foi nunca enfeitada por dogmas. “Até mesmo para mim o livro tem algo de surpreendente”, diz FHC. “Eu, que li tudo de maneira esparsa, à medida que foi produzido, me dei conta agora de como ela foi coerente.”

Com suas 500 e tantas páginas, o tomo da *Obra Reunida* tem dimensões, afinal, modestas, quando se leva em conta que ele abrange quase cinco décadas de trabalho intelectual — de 1959 a 2004. Dele não constam os artigos e entrevistas ligados diretamente ao trabalho



**O SOCIÓLOGO  
MANUEL CASTELLS**

*Um dos cientistas  
sociais com quem  
Ruth mais teve  
afinidade: para  
ela, os fatos  
sempre vinham  
antes da teoria*

NEWS.COM

de Ruth Cardoso no Comunidade Solidária, nem sua tese sobre a imigração japonesa em São Paulo, que compõe um livro independente. Fazem parte do volume todos os artigos que ela publicou em vida (três deles originalmente em línguas estrangeiras), além de um texto inédito tirado de seus arquivos. Ruth Cardoso não conduziu sua carreira segundo a máxima *publish or perish* (publique ou pereça) dos acadêmicos americanos. Organizadora do volume, que demandou quase três anos de trabalho, a antropóloga Teresa Caldeira, atualmente professora em Berkeley, nos Estados Unidos, conviveu vinte anos com Ruth Cardoso — como aluna, colaboradora e finalmente amiga — e explica que era na sala de aula que Ruth se sentia mais à vontade. “Ela adorava seminários, era uma grande debatedora”, diz Teresa. “Escrever não era a atividade que mais lhe dava prazer. Ela com frequência ficava insatisfeita com seus textos, e muitas vezes de-

cidia não publicar.” Fernando Henrique acrescenta: ela sofria para escrever. Mas, se não chega a ter o sabor do ensaísmo, a prosa de Ruth Cardoso tampouco representa o estilo acadêmico no seu pior figurino. São textos limpos, que muitas vezes transmitem o entusiasmo de uma descoberta intelectual.

Ruth formou-se na Universidade de São Paulo em 1952. Pouco depois, tomou parte numa pesquisa pioneira sobre o mercado de trabalho em São Paulo. Essa experiência de pesquisa empírica e quantitativa, associada à ênfase no trabalho de campo da disciplina que ela logo escolheria para sua especialização — a antropologia —, a imunizou desde logo contra a tentação de deformar a realidade com as lentes de uma teoria ou uma ideologia dadas de antemão. A frase é de um texto de

1985, “Sociedade civil e meios de comunicação no Brasil”, mas resume bem os hábitos intelectuais de uma vida inteira: “Se estivermos descrevendo bem, estamos no caminho da boa teoria”. Em outras palavras, para ela, fazer justiça aos fatos vinha em primeiro lugar. Do funcionalismo ao estruturalismo, passando inescapavelmente pelo marxismo, Ruth Cardoso visitou todos os “ismos” que marcaram época na universidade brasileira no século passado, mas não se filiou a nenhum deles. Uma de suas amigas mais antigas, a também antropóloga Eunice Durham, aparece na

*Obra Reunida* com um depoimento, no qual conta como ambas “liam copiosamente” — e como Ruth cuidava de se manter sempre atualizada do ponto de vista teórico, aproveitando qualquer viagem, numa era pré-Amazon, para se abastecer dos livros mais recentes. Ruth não tinha, portanto, nenhuma espécie de aversão à teoria. Era apenas — mais

uma vez nas palavras de Eunice Durham — “o avesso do provincianismo e do dogmatismo”.

Livre da fixação em conceitos como “luta de classes” ou “estrutura social”, Ruth Cardoso foi capaz de encontrar algo novo ou inesperado em cada assunto que explorou. Ao estudar os imigrantes japoneses, enxergou o seu desejo de ascensão social. Nos anos 70, viu nos favelados empreendedores, e não apenas gente marginalizada. Na década seguinte, quando o choque entre sociedade civil e ditadura militar levava a maioria dos intelectuais a pensar em termos estanques, ela se deu conta de que estado e movimentos sociais, por força da negociação cotidiana em torno de políticas públicas, iam criando novos canais de contato, e se influenciavam mutuamente. Seus textos sobre movimentos sociais, estado e democracia estão na parte cinco da *Obra Reunida*, e trazem em forma embrionária ideias que mais tarde ganhariam corpo no Comunidade Solidária.

Se os textos de Ruth Cardoso têm discussões detalhadas de autores como Claude Lévi-Strauss, Michel Foucault ou Manuel Castells (um dos cientistas sociais com quem ela mais teve afinidade), não deixa de ser curioso notar a ausência conspícua do sociólogo Fernando Henrique Cardoso. “Mas é claro”, diz ele. “Nosso modo de trabalhar e nossas preocupações nunca coincidiram. Eu olhava o macro, e ela, o micro.” Os dois, no entanto, eram interlocutores indispensáveis um para o outro. “Raramente publiquei algo sem que ela tivesse lido e criticado. Às vezes incluía nos meus textos uma citação em latim, uma língua que nem conheço direito, só para vê-la reclamar. Ela detestava citações desnecessárias.” Fernando Henrique diz que uma das lembranças associadas ao trabalho intelectual da mulher são as conversas “intermináveis” que ela mantinha com discípulas e colaboradoras. “Ela tinha mais vocação para criar discípulos do que eu”, afirma. Teresa Caldeira, uma dessas discípulas, também se lembra dessas conversas. “Entre outras coisas, ela deu um conselho importante àquelas que também tinham um marido ou namorado intelectual: defenda o seu próprio espaço, e abra o seu próprio caminho.” ■

